

371.13

M8272

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ELTON ANANIAS MORAIS

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM
LETRAS E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA.

PONTES E LACERDA-MT
2014/2



ELTON ANANIAS MORAIS

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS E
SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA.**

Monografia apresentada ao departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras, sob orientação da Profa. Ma. Marlene Flores de Souza.

PONTES E LACERDA-MT
2014/2



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:



Profa. Ma. Marlene Flores de Sousa (orientadora)



Profa. Me. Vanessa Fabíola (membro)



Prof. Me. Rogério Martins (membro)

Dedico este trabalho, a todos que de alguma forma estiveram presentes na minha jornada. Aqueles que me deram força e apoio para que minha vitória fosse conquistada...

Agradeço...

A minha família

A minha mãe, que esteve sempre orgulhosa de meus esforços. Aos meus irmãos e irmãs, que de alguma maneira me deram força para vencer.

À orientadora

Profa. Ma. Marlene Flores de Souza, por quem tenho respeito e admiração. Sou grato pelas orientações, pois mesmo diante de minhas dificuldades se propôs a me receber e compartilhar seus conhecimentos. Agradeço, pela atenção, paciência e dedicação.

Aos amigos

Lillyan Francelino Frez, Gheany Roberta Leal, Renan Gomides, por estarem sempre presentes durante toda minha graduação. Agradeço a vocês por me fazerem acreditar que é possível conseguir, mesmo que a primeira tentativa seja frustrante. Mesmo que a vida um dia nos distancie, saibam que a amizade nunca morrerá. Obrigado ainda aos demais amigos que também acreditaram na minha capacidade... Celio Fernandes, Derquiane Coelho e Edinaldo Gonçalves.

A BANCA

Que atendeu o nosso pedido.

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso e todos os professores que contribuíram para a minha formação. Em especial, a professora Dr^a Madalena Machado.

A responsabilidade do estágio fica muito grande, uma vez que se propõe possibilitar ao professor informação a vivência de sua futura prática.
(Calderano, 2012.)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
O ESTÁGIO.....	10
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A UNIVERSIDADE	11
CAPÍTULO II	
O CONTEXTO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	15
CAPÍTULO III	
OS DIZERES DOS ATORES QUE ENVOLVEM O ESTÁGIO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
ANEXO 01.....	31
ANEXO 02.....	32
ANEXO 03.....	33
ANEXO 04.....	34

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir e refletir sobre o estágio supervisionado indispensável no processo de formação acadêmica, dos cursos de licenciaturas. Discutimos a formação de docentes. Discutimos mais precisamente as práticas pedagógicas e a normatização que rege o estágio no Curso de Letras. Analisamos os dados obtidos a partir de pesquisas realizadas em escolas campos de Pontes e Lacerda. Na fundamentação teórica, respaldamos em autores como, Maria de Assunção Calderano (2012), Francisco Imbernón (2006), Barbosa (2003), entre outros.

Palavras-chaves: estágio, formação de professores, universidade.

ABSTRACT

This research aims to discuss and reflect on the supervised indispensable in the academic process of the undergraduate courses. We discuss the training of teachers. We discuss more precisely the pedagogical practices and the regulation governing the stage in Literature Course. We analyzed the data obtained from research in fields schools of Pontes e Lacerda. In the theoretical framework, we support on authors such as Mary of the Assumption Calderano (2012), Francisco Imbernon (2006), Barbosa (2003), among others.

Keywords: stage, teacher training, university.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu a partir de reflexões feitas sobre as disciplinas de estágio e as fases dos estágios realizadas nas escolas campo, sob a normatização do estágio regido pelo o curso de Letras do Campus Universitário de Pontes e Lacerda no ano de 2013.

No contato com os alunos em uma escola pública estadual na época do estágio (2013), observamos que a presença do estagiário interferia no comportamento dos alunos (campo), mesmo que por pouco tempo. Então a indagação-problema decorrente dessas observações é a seguinte: de que modos os diferentes atores escolares vêm ou representa a ação do estágio no espaço escolar?

Para realizar a pesquisa utilizamos metodologicamente questionários, a partir dos quais foram ouvidos atores que fazem parte do contexto do estágio na escola campo estadual de Pontes e Lacerda: coordenador, professor titular, alunos, professores recém-formados. Para discutir criticamente usamos algumas respostas desses atores. Também nos apropriamos da normatização do estágio do curso de Letras do Campus Universitário de Pontes e Lacerda para relativizar a real finalidade do estágio para essa instituição.

No primeiro capítulo, trazemos reflexões sobre a formação dos professores. Discutiremos a formação de professores a partir da universidade, pois essa formação passa pela premissa de que a ação docente interfere na dinâmica social ao constituir novas relações entre o objeto de conhecimento e a comunidade.

No segundo capítulo, discutimos necessidade da prática educacional que envolve um comportamento de observação, reflexão crítica e reorganização de ações para o alcance da melhoria na educação, também faremos apontamentos sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras, no que tange a normatização do estágio supervisionado.

No terceiro capítulo, trazemos uma discussão mais subjetiva sobre a importância do estágio, nesse momento abordaremos com mais criticidade o que dizem os atores envolvidos na escola campo sobre a significação do estágio.

CAPÍTULO I

1- O ESTÁGIO

O estágio supervisionado tem que ser considerado uma experiência imprescindível na formação de cada aluno onde as aulas teóricas do curso e momentos de orientações se entrelaçam, ocorrendo os debates e confrontos de ideias com a formação de cada aluno graduando. (Calderano, 2012:30)

O ideário educacional em torno do Estágio Supervisionado ligou-se a um momento histórico em que se acreditava que esta atividade fosse concebida como um espaço privilegiado na luta pela melhoria na formação de professores e, conseqüentemente, atingir-se-ia a melhoria qualitativa do ensino.

A superação da dicotomia entre teoria e prática passou, portanto, a ser um dos instrumentos de luta pela qualidade do ensino e pelo resgate do verdadeiro papel da disciplina “Estágio Supervisionado”. Durante muitos anos obedecendo ao ciclo tradicional dos estágios – observação, regência e participação – sua função era apenas de denúncia de supostos erros da escola, sem que houvesse mudanças na escola, nem acréscimos aos estagiários. No estágio de observação, a ênfase era em se elencar defeitos sem a preocupação de corrigi-los, basicamente porque não eram problemas dos alunos-estagiários, nem dos supervisores, nem das universidades. Na prática os professores observados sentiam-se julgados. Nos estágios de participação, os estagiários se limitavam em corrigir provas das quais não participavam da elaboração e por isso não havia sentido nem significado para eles. Muitas escolas designavam as funções de secretária aos estagiários, quando sua função era de participar efetivamente, colaborando em todas as nuances do processo ensino/aprendizagem. No estágio de regência a atividade do estagiário era estabelecida de acordo com seu suposto “dom”. Ou seja, se ele fosse “bom” abrir-se-ia lhe mais espaço na escola, mas se ele fosse “fraco” as aulas lhe eram tomadas. Nesta visão de estágio, nem a universidade interferia nem as escolas ajudavam na formação do futuro professor.

Muitas outras modalidades de estágio foram assumidas até a concepção atual de estágio. Em meados da década de 80, as propostas começaram a permear uma

discussão sobre o estreitamento da universidade e as escolas de ensino fundamental e de ensino médio, os estagiários desenvolveriam práticas que atingiriam tanto o corpo discente quanto o corpo docente das instituições de ensino, pois levariam a eles uma proposta de trabalho pensada e pesquisada na universidade a partir de problemas de ensino elencados nas escolas. Enfim, muitas discussões foram travadas até que estudos demonstrassem a necessidade de não dissociar teoria e prática, como é visto atualmente.

1.1 FORMAÇÕES DE PROFESSORES E A UNIVERSIDADE

A política da universidade de formação de novos educadores contribui com o desenvolvimento acadêmico, em torno de embasamentos teóricos. Pressupõe-se que os futuros professores possam terminar sua graduação, já preparados para enfrentar uma sala de aula, ou seja, levando em consideração que o curso de Licenciatura Plena em Letras oferece um enfoque direcionado a construção de um uso crítico da linguagem, bem como da aquisição de uma segunda língua, deveriam os futuros docentes estar habilitados para tal desempenho. Porém, percebemos a dificuldade e sabemos que, para a adequação do ensino superior, a universidade precisa atender a necessidade dos seus profissionais que estão empenhados ao máximo para atender as necessidades dos alunos.

Barbosa (2003) coloca a medida desse desafio ao afirmar que

Podem-se, no entanto, reconhecer também as dificuldades com as quais tem-se lidado ao buscar dar conta de formar profissionais críticos, no interior do Estado, quase sempre para servi-lo, e com a simultânea esperança de que seja possível que estes proponham a inovação e sejam capazes de afrontar o mesmo Estado na defesa de ideais socialmente defensáveis. (BARBOSA, p.12).

Na concepção dessa autora, o desafio de formação de professores age em três frentes que se complementam: o estudo do objeto de ensino, o posicionamento teórico sobre a língua; a criticidade da ação docente, um fazer docente que prevê, exige e motiva a constante reflexão sobre as práticas pedagógicas; e a compreensão da relevância social para as práticas docentes adotadas.

A formação de professores passa, na universidade, pela premissa de que a ação docente interfere na dinâmica social ao constituir novas relações entre o objeto de conhecimento e a comunidade. Pensando essa questão em relação ao ensino da linguagem, de um modo geral, poderíamos dizer que as aulas contemplam a configuração de novas possibilidades de existência, novas relações entre os homens e destes com a realidade social.

É neste sentido que Barbosa (2003) elenca a necessidade de se buscar entender que tipos de relações são encontrados na escola. Para a autora, não se pode compreender a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem sem conhecer a realidade dos alunos que, atualmente, ocupam as salas de aulas. Por sua vez, conhecer os alunos implica no reconhecimento de suas subjetividades que devem ser levadas em consideração. Nessa perspectiva, o professor nada poderá fazer se não se tornar um professor pesquisador, buscando aliar as teorias que lê à realidade de seus alunos. O ensino é aqui entendido como prática de diálogo entre a teoria e a prática, entre o que pressupõe as pesquisas e o que se vive na sala de aula. Ações de intervenção, no sentido acima, se fazem possíveis, quando o professor percebe essa demanda de pesquisa.

Entrar na escola significa se inserir nas práticas pedagógicas, no discurso do ensino, nas atividades de aprendizagem. Acreditamos que tais preceitos são significativos também quando pensamos no Estagiário. Durante o estágio o estagiário pratica esse diálogo entre a teoria e a prática, podendo produzir uma reflexão analítica da situação da escola, das contribuições das pesquisas, de seu posicionamento como futuro docente e, por fim, é instado a se inserir em práticas que configuram sua identidade docente. Na academia, enquanto aluno, apreende o funcionamento das teorias, na escola, essas teorias precisam ser usadas para alcançar os resultados esperados pelo professor – a aprendizagem efetiva, a constituição de uma criticidade no pensamento que perpassará toda a vida escolar e acadêmica do aluno.

Dessa forma, a identidade do estagiário se configura duplamente: ele é, ao mesmo tempo, aluno e professor: está envolvido na aprendizagem das metodologias mais adequadas para ser trabalhadas, mas também precisa corresponder às expectativas de aprendizagem dos alunos com os quais entra em contato. Portanto, precisamos destacar a importância da universidade em oferecer as bases para que o processo se desenvolva. Segundo Barbosa (2003), não se pode mais pensar no

aluno como ator passivo. As antigas concepções concebiam aos estudantes como alguém que deveria depreender um tempo para escutar o que o professor falava e ler o que ele solicitava. Esta perspectiva não pode condizer com as atuais premissas de criação de autonomia entre os alunos.

Ao abordar as definições de universidade, Barbosa (2003.p.270) afirma que “na Universidade o ensino constitui um processo de busca e de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, de seu papel na construção da sociedade”. Nesse sentido, o ensino na Universidade tem as seguintes características:

- a- Propiciar o domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicos, que assegurem o domínio científico e profissional do campo específico e que deve ser ensinado criticamente (isto é, em seus nexos com a produção social e histórica da sociedade), para isso, o desenvolvimento das habilidades de pesquisa é fundamental;
- b- Conduzir a uma progressiva autonomia do aluno na busca de conhecimentos;
- c- Desenvolver capacidade de reflexão;
- d- Considerar o processo de ensinar/aprender como atividade integrada à investigação;
- e- Substituir o ensino que se limita a transmissão de conteúdos por um ensino que constitui processo de produção do conhecimento;
- f- Integrar, vertical e horizontalmente, a atividade de investigação à atividade de ensinar do professor, o que supõe trabalho em equipe;
- g- Criar e recriar situações de aprendizagem;
- h- Valorizar a avaliação diagnóstica e compreensiva da atividade mais do que a avaliação como controle;
- i- Conhecer o universo de conhecimentos e cultural dos alunos e desenvolver processos de ensino e aprendizagem interativos e participativos.

A ação da universidade na formação docente é fundamental. Este papel ganha uma dimensão especial durante a disciplina de estágio. Neste momento, o

que se discutiu no decorrer do curso precisa aparecer na regência do aluno, em seu trabalho na sala de aula. Acreditamos que esta perspectiva nos permite situar a relevância do estágio para a formação docente e os papéis do estagiário e da universidade, visto que, o momento da prática em cursos de licenciaturas acontece pelo processo de interação da universidade com a escola, durante os estágios curriculares supervisionados. Assim Calderano, (2012) nos mostra que:

O que a universidade não vem conseguindo fazer com sucesso – a integração entre os aspectos teórico e prático – acaba por ficar a cargo do estágio, no qual todos os sujeitos envolvidos cada um a seu modo, são responsáveis por tentar a aproximação necessária entre as dimensões da teoria e da prática, sendo o estagiário o principal beneficiário dos esforços de todos nessa direção. (p.173).

O estágio nos possibilita o acesso à sala de aula, organizando o processo de formação e de experiências individuais, para alcançar o objetivo que é o de ser professor.

Durante nosso envolvimento com o estágio supervisionado, compreendemos que o educador deve ter várias maneiras de ensinar. É preciso desenvolver atividades dentro e fora da escola, para que assim a educação seja muito mais coletiva no que diz respeito aos valores morais e éticos de uma sociedade.

CAPÍTULO II

1- O CONTEXTO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DOCENTE.

A proposta do estágio precisa se desenvolver a partir da preocupação de se formar um professor que esteja consciente de que sua prática envolve um comportamento de observação, reflexão crítica e reorganização de suas ações para o alcance da melhoria na educação. É necessidade de se tornar os futuros professores ainda mais conscientes de que as suas práticas em suas salas de aula (...) bem como a sua vivência escolar e de seus alunos (...) que vão contribuir para o processo de constituição dos sujeitos da educação e de sua própria identidade (...) É a constatação de alguma coisa que nos envolve, nos interessa e nos faz crescer na nossa profissão de ser professor/educador. (Calderano, 2012, p.27)

O estágio supervisionado é o lugar que nos deparamos com a verdadeira identidade de formação do curso. É, nesta etapa que percebemos, de fato, que o objetivo central do curso é formar professores. Nessa fase da formação temos que ir à escola campo, a fim de desenvolvermos atividades nas três habilitações do curso: Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa.

Um dos objetivos do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso é formar profissionais intelectuais com capacidade crítica e reflexiva e ainda com competência linguística, literária e pedagógica.

Desde os primeiros semestres do curso de Licenciatura em Letras, ouvimos que o estágio supervisionado é a fase responsável pela formação profissional. No entanto, essa visão nos parece bastante singela, e não queremos continuar pensando assim, pois, conhecendo o curso e suas atividades curriculares, observamos que há uma complexidade em afirmar essas ideias iniciais. Imbernón (2006) sintetiza exatamente nosso discurso, na medida em que "a formação inicial deve fornecer as bases para poder construir esse conhecimento pedagógico especializado". Então, como podemos separar a teoria da prática? Já que, uma consolida a outra, nesse sentido podemos nos valer do que referenciou Imbernón (2006) em que:

Sem cair no excesso de exagerar a importância das práticas para o desenvolvimento do conhecimento profissional, temos de considera-

las não apenas como uma atribuição a mais, mas devemos reformulá-las tendo em conta uma redefinição das relações que o aluno tem com a realidade de uma escola no período de formação inicial: As práticas nas instituições educativas devem favorecer uma visão integral dessas relações e devem levar necessariamente a analisar a estreita relação dialética entre teoria e prática educativa. (p.64)

Assim, podemos relacionar o que discutiu Imbernón (2006) quando trata sobre “as práticas que devem servir de estímulos às propostas teórico-práticas formais, de maneira a permitir que os alunos interpretem, reinterpretem e sintetizem sua experiência passada...” (p.64), e transpor sob as práticas pedagógicas do curso de formação de novos profissionais da área da educação, tendo em vista as possibilidades de melhoramento teórico-prático para o conhecimento e embasamento dos cursos de licenciatura.

É sempre um desafio discutir formação de professores, percebemos isso ao longo da nossa pesquisa, pois, agora temos ciência da complexidade própria em que concerne ao objeto. No entanto, sabemos que o ofício de formação profissional só se encerra quando é renunciado ao cargo ora conquistado.

No Brasil desde 1930, o estágio está presente nos cursos de Licenciaturas, e não é por acaso que faz parte da formação de professores, tornando-se indiscutivelmente útil. De forma geral, atualmente, a lei que regulamenta essa prática é a Lei de Estágios, nº 11.788, publicada no dia 26 de setembro de 2008.

Na escola, o estagiário utiliza-se de metodologias para ministrar suas aulas, por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos na universidade, e com o estágio verifica ou consolida seus conhecimentos. O estágio serve como um “teste” que constitui um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional.

O projeto pedagógico do curso, (PPC), consolida os deveres para competir com o desenvolvimento da disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. Portanto, o que se observa

durante a prática pedagógica¹, é o distanciamento das propostas regulamentadas pela UNEMAT, no uso das atribuições legais que lhe confere o art. 32, V do Estatuto da UNEMAT, e considerando o disposto no artigo 82 da Lei n. 9.394/96, Resoluções CNE/CP 01/2002 e 02/2002, 01/2006, Lei nº. 11.788 de 25/09/2008 e a decisão tomada. Por exemplo, as normatizações do curso, a seguir, nos esclarecem que:

Art.6º. O Estágio Curricular Supervisionado tem como finalidades:

- I - oportunizar experiência profissional e de trabalho que possibilitem a integração dos conhecimentos teóricos e práticos, por meio de processo permanente de reflexão;
- II - propiciar condições de autonomia ao estagiário, com o objetivo de contribuir para sua formação profissional;
- III - viabilizar a reflexão sobre a prática profissional, para que se consolide a formação do professor da Educação Básica;
- IV - facultar o desenvolvimento de habilidades e competências técnicas, políticas e humanas necessárias à ação docente;
- V - proporcionar o intercâmbio de informações e experiências concretas que preparem o aluno para o efetivo exercício da profissão;
- VI - possibilitar o exercício, em docência, dos conhecimentos adquiridos nos respectivos cursos, repensando-os na aplicação prática;
- VII - possibilitar momentos de reflexão sobre as situações-problema nos ambientes escolares e não escolares;
- VIII - promover a vivência da prática pedagógica na Educação Básica, levando em consideração os contextos sócio culturais.

Nem tudo o que dispõe a normatização é o que realmente acontece na prática pedagógica. Destacamos o Art.6º por ser um dos exemplos que para nós seria de muita importância se fizesse presente durante o processo de atuação do acadêmico em toda sua vida universitária. Porém, essa visão só poderia ser confirmada se

¹ A prática pedagógica a qual estamos discutindo neste momento é apenas a que compete ao estagiário em sala de aula, estamos visando este momento em que o acadêmico ainda está associado às inúmeras teorias trabalhadas durante sua aquisição na formação profissional.

realmente esse intercambio previsto do inciso V fosse posto em prática, pois, o que percebemos é que nos momentos de estadia nas escolas/campo, não nos fornecem o devido respaldo para a eficácia da proposta do que visa o (PPC), o qual roga: "Proporcionar o intercâmbio de informações e experiências concretas que preparem o aluno para o efetivo exercício da profissão", acreditamos que, se esse intercâmbio fosse possível desde os primeiros semestres do curso, os acadêmicos teriam maiores possibilidades de efetivar a proposta prevista na normatização acadêmica para cumprir o período de estágio. A carga horária prevista no estágio é de um total de trezentas horas, distribuídas entre as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura.

Acreditamos que para atender a proposta prevista no inciso V, seria necessária uma prática de estágio na forma de intercâmbio, em que o acadêmico estivesse na escola/campo, desde o início de sua formação, uma vez que o objetivo do curso é de formar profissionais da educação. Pois dessa forma, esse futuro profissional da educação, estaria adquirindo conhecimento e percebendo como funciona a escola base, onde ele provavelmente atuará.

O Projeto Pedagógico do Curso – PPC - roga muitas propostas plausíveis, porém, não contempla com profundidade a real situação do estágio curricular do curso de Licenciatura em Letras, já que o verdadeiro ideal é formar profissionais preparados para enfrentar a realidade do dia-a-dia lá fora, ou refletir através de um memorial, sobre a dimensão formativa do trabalho com relatos memoriais. Calderano (2012), diz:

É nessa perspectiva que concebemos a escrita de memórias de formação, como uma estratégia que possibilita essa integração. Ao rememorar experiências anteriores, vivenciadas enquanto estudantes, os licenciando recuperam e ressignificam saberes advindos do âmbito familiar e escolar que lhes permitem, em diálogos com os aportes teóricos das diferentes disciplinas que compõem o quadro curricular da formação inicial, melhor compreenderem aspectos percebidos no estágio para a docência, apontando para uma atuação futura melhor qualificada. (p.91).

Em linhas gerais, queremos com essa discussão, direcionar o olhar subjetivo do acadêmico para uma visão compartilhada e contemplada de associar sua formação na linha do que segue as normatizações, as quais deveriam servir de apoio, porém, percebemos uma dicotomia entre o documento e prática de ir a

escola, é nítido o distanciamento da Universidade entre escola/campo, mesmo no momento essencial que seria a prática pedagógica do estagiando.

CAPITULO III

1. O QUE DIZEM OS ATORES ENVOLVIDOS NO ESTÁGIO

(...) o estagiário ainda não tem consciência do que o espera na realidade escolar; logo apegar-se à teoria obtida na sala de aula da academia, supondo que ela o amparará em uma sala de aula na educação (...) (Calderano, 2012:175)

A princípio, o estudo sobre o estágio curricular durante a formação de professores, nos parecia uma proposta obsoleta "a uma abordagem unilateral" em contrapartida com a formação docente, porém, hoje, temos visto que o processo entre a teoria e a prática não se deve dissociar.

O interesse pelo tema surgiu após o contato com a disciplina de Estágio Curricular. Durante a participação nas aulas, surgiram alguns questionamentos relacionados a essa modalidade de ensino. O desejo de conhecer mais sobre isso provocou uma inquietação que nos inspirou o presente trabalho.

No contato com os alunos em uma escola pública estadual na época do estágio (2013), observamos que a presença do estagiário interferia no comportamento dos alunos (campo), mesmo que por pouco tempo. Então a indagação-problema decorrente dessas observações é a seguinte: de que modos os diferentes atores escolares vêm ou representa a ação do estágio no espaço escolar?

Em busca dessas respostas realizamos questionários (anexo) com uma grade de questões em uma escala determinada, em que dividimos da seguinte maneira: coordenador, professor (campo), alunos, professores recém-formados, a fim de reforçar nosso estudo.

As questões direcionadas à **coordenação da escola** onde realizamos a pesquisa foram as seguintes:

1-Como a escola visa o estagiário?

2-A escola percebe que ela é um laboratório para os universitários? O que ela proporciona a eles?

3-Qual a relação dessa escola com a UNEMAT? Existe algum retorno para a escola?

Já as questões direcionadas aos **professores titulares** foram:

1-O que acham de cederem suas aulas para o estágio? Gostam de receber estagiários?

2- Em alguma fase do estágio, o estagiário contribui na construção do planejamento de aula?

Questões **aos alunos**:

1-Como você define um professor – estagiário na sala de aula? Por quê? 2-No seu ponto de vista, o estagiário tem experiência com o material pedagógico usado para a aula?

Quanto aos professores **recém-formados** as questões foram:

1-Qual foi a importância do estágio para sua formação acadêmica?

2-Teve no momento da construção do planejamento a orientação necessária, tanto do professor do estágio como do professor titular?

As respostas mais pertinentes obtidas pelos entrevistados foram analisadas sob o viés de discussão de Santos et al, Imbernón, e Calderano, que abordam situações a respeito da importância do estágio na/para formação acadêmica. A seguir serão analisadas algumas respostas que fomentam nossa indagação.

Como forma de análise, as respostas obedecerão a sequência ora estabelecida. Desta maneira a primeira entrevista foi com a coordenadora. Dentre as questões que a mesma respondeu que contempla a discussão com mais precisão e contribui para nossa pesquisa é a seguinte:

2-A escola percebe que ela é um laboratório para os universitários? O que ela proporciona a eles? A coordenadora respondeu que:

(fala da coordenadora)

Sim. Precisa desenvolver o seu estágio. Acredito que sirva de experiência já que esse é o objetivo. (anexo 01).

Observa-se que a resposta foi posta como uma meta a ser cumprida pelo estagiário, não como um campo a mais para aprimorar sua formação, deixa claro que não há importância para escola, que não há significação, interação, ele (estagiário) está ali somente para cumprir uma formalidade. A própria coordenação não o vê como um profissional em formação, que brevemente estará como titular em sala de aula. Quando diz "acredito que sirva de experiência", é o falar de um lugar técnico, nada que se pareça com uma formação humana entre os saberes que promovem interação, construção e intercâmbios de conhecimento. Consideramos o dizer da coordenação uma representação do que vem sendo o estágio do Curso de Letras, uma formação acadêmica que circula nesse dizer da coordenação.

De acordo com Calderano, (2012; p.30)

O estágio sempre foi considerado como um momento de prática dos cursos em formação de professores, em detrimento da formação teoria. Entretanto, tem-se constatado que o curso não tem fundamentado teoricamente a atuação do futuro docente nem tem a prática como fundamento para a teoria. Há precariedade de teoria e de prática (**e de conhecimento**, grifos nossos) na formação de professores.

De acordo com a autora o estágio nas universidades deveria ser muito bem acompanhado, pois percebemos que este é um mecanismo, um laboratório donde irão sair os profissionais da educação.

Pensamos que o dizer da coordenação, também representa: uma forma de invasão de espaço, a observação feita, pelo estagiário, das práxis pedagógicas do

titular da sala de certa forma pode constranger ao invés de nomeá-las como práticas positivas e significativas, e ainda, os próprios alunos (campo) ao não compreenderem o porquê de um estagiário ali, desestabiliza o professor titular "com desrespeitos". Diante disso, Calderano (2012) enfatiza que:

O estágio, nos cursos de formação de professores, é o momento apropriado para contribuir com o futuro professor a fim de que possa compreender a complexidade das práticas institucionais e do fazer "educativos" neles exercidos pelos seus profissionais na formação do futuro professor. (...) o estágio não é, pois, atividade prática, teórica, instrumentalizada a da práxis docente, entendida esta com a atividade de transformação da realidade. É atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, isto é, é o contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis acontece. Podemos considerar o campo de estágio "um centro de questionamento" por parte dos licenciados e por parte dos professores das escolas. (p 30 e 31)

Diante da observação da autora mais uma vez confirma nossos questionamentos na pesquisa, ao buscar saber qual percepção a escola (campo) desenvolvia em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos estagiários.

Em continuidade a discussões pedagógicas, nos reportamos as questões postas por um professor titular da sala. Ao responder à questão 1-O que acham de cederem suas aulas para o estágio? Gostam de receber estagiários? Em resposta a essas indagações o professor respondeu:

(fala do professor)

Não é legal, mas devido que os estudantes/estagiários precisarem desse momento, então concordo, pois o estagiário de hoje serão os futuros professores. Particularmente não gosto de receber estagiários por alguns motivos: 1- os alunos não os respeitam; 2- na maioria das vezes os estagiários para não se queimarem com a turma permitem que os alunos saiam da sala constantemente; 3- nem sempre o professor (a) de estagio os acompanha em seu trabalho, pois se acompanhassem penso que ele poderia dar dica para que na próxima aula ou próximo dia os estagiários ficassem mais tranquilos. Enfim, apesar de tudo isso também entende que os estagiários precisam desse laboratório humano. (anexo 02).

A resposta da professora (campo) nos mostra que a dinâmica universidade/escola está longe de formar um elo. Várias falhas da Universidade foram apontadas pelo professor titular (campo). De certa forma, esse dizer, desestabiliza a formação

acadêmica. Esse momento apontado pelo professor diz respeito já a ultima fase do estágio, momento em que o acadêmico deveria por a prova/prática sua formação/docente, mas, que segundo, o professor lhe falta: segurança, domínio, organização pedagógica, entre outros fatores. Nesse momento do estágio, como está na normativa é atribuído ao acadêmico à função de, "desenvolvimento de atividades docentes em parceria e cooperação com o professor da escola campo". (Resolução nº 029/2012 CONEPE. Art.10, inciso II, alínea c).

Mais uma vez, observamos a Universidade descontextualizada da escola campo, isto está provado quando o professor titular diz "que o professor do estágio não permanece em sala, para contribuir com acadêmico." Sobre tudo isso quem perde é a escola campo, o acadêmico e os alunos da escola. Esse deveria ser um momento de oficinas, de compartilhamento de aprendizagem, de lugares de conhecimento se envolvendo - escola campo / universidade. Que, Calderano, (2012: 173), salienta que:

A tarefa de orientar o estágio não pode ser atribuída a professores substitutos ou provisórios, podendo comprometer, inclusive, a produção acadêmica da área e principalmente, o processo de formação a interação entre o professor orientador e estagiário é tão necessário quanto entre professor e seus pares. (...) O estagiário ainda não tem consciência do que o espera na realidade escolar; logo, apegase a teoria obtida nas salas de aula da academia, supondo que ela o amparará em uma sala de aula de educação básica.

Como se pode perceber, Calderano, (2012) também faz apontamentos pertinentes em relação a postura ao papel do professor de estágio, em que aborda sobre o envolvimento desse profissional com os estagiários. Segundo, Imbernón (2009), *apud* Calderano, (2012:174), a forma como os estagiários devem ensinar deve ter tanta ênfase, nos cursos de formação, quanto seu próprio processo de aprendizagem, assim como a necessidade de uma reflexão acerca do que pretende realmente a academia com suas licenciaturas.

Dando sequência a análise dos dados e obedecendo a ordem estabelecida neste item, analisaremos a visão dos estudantes em relação aos estagiários, a partir da seguinte indagação. 2-No seu ponto de vista, o estagiando tinha experiência com o material do curso para a aula? Observando a resposta temos o seguinte:

(fala do aluno)

Sim. A explicação foi excelente, teve sim algumas dificuldades, mas foi por causa dos alunos que não colaboraram. Mas foi uma boa apresentação muito boa a explicação como já disse foi excelente é eles tinham sim com certeza experiência com a matéria do curso. (anexo 03)

De acordo com a observação do estudante pode se entender que o estagiário foi orientado, conseguiu transmitir, interagir e praticar sua formação de docência com segurança. Diferentemente dos apontamentos feito pelo professor titular acima, observando aqui que os questionamentos não foram realizados pelos professores e alunos de uma mesma sala. No entanto, devemos levar em consideração a proposição do aluno, já que ele é o cerne da profissão docência. Consideramos também que o estagiário que passou pela sala desse aluno teve uma boa orientação pelo professor de estágio. Com isso, Winch, (2009) *apud* Moreira (2012:175). Discorre que:

(...) o professor orientador, pela sua visão privilegiada pelo espaço escolar pode auxiliar o estagiário para percepção do saber escolar, um saber docente que só vem com a experiência do magistério. E a visão do orientador sobre o estágio é realmente importante para que ele auxilie na construção da identidade profissional do atual professor.

De acordo com esse olhar, o estagiário sendo acompanhado pelo professor de estágio, terá mais possibilidade de desenvolver um bom trabalho. Essa observação foi evidenciada na entrevista do estudante. Ao afirmar que o estagiário estava preparado, confirma os olhares dos autores. Outra questão que também deve ser levada em questão e que foi defendido pelo estudante o fato de que as dificuldades surgidas são atribuídas aos alunos que não colaboraram.

Essa mesma questão foi levantada pelo professor citado no segundo momento da análise no item (1) quando ele menciona que os alunos não respeitam os estagiários. Dessa forma, o que a escola tem feito na tentativa de ajudar o professor (estagiário) a controlar os estudantes? Em relação a essa situação Calderano, (2012:223) reporta que:

Na condição de estagiário, o licenciando não ocupa nem lugar de aluno que no passado e nem do professor que será no futuro. O

papel de estagiário não estão presentes nas imagens que temos no espaço escolar e muito menos da prática educativa. Se não houver uma interação efetiva e uma colaboração autêntica entre os sujeitos envolvidos, consideramos que a contribuição do estágio curricular na formação profissional do professor pode ser inócua. (...) nessa concepção, a reflexão na e sobre a prática objetiva em processo de conscientização capaz de levar os sujeitos envolvidos não a reconhecer os problemas e as dificuldades da prática educativa, mas, principalmente a tomar consciência da sua própria condição de docente.

Observando essa visão sobre a condição estagiário é necessário rever o conceito dessa interação na atual formação acadêmica do curso de Letras, o que estamos refletindo, no momento do estágio o acadêmico está no meio termo ainda não é professor, mas também já não está no lugar de acadêmico, por a necessidade dessa interação entre os envolvidos pelo estágio escola/campo/professores/universidade.

Quanto aos professores recém-formados à questão foi 1- Qual foi a importância do estágio para sua formação acadêmica? A essa indagação obtivemos a seguinte resposta:

(fala do professor recém-formado)

Foi de suma importância, pois, é o primeiro contato com a sala de aula e com os alunos. A elaboração das aulas e esse convívio nos preparam para o mercado de trabalho. (anexo 04)

Observamos aqui outro lado, outro lugar de sujeito em formação docente. Segundo a resposta, detectamos, ainda de forma bastante objetiva a importância desse momento para o acadêmico. Sabemos que outras disciplinas do Curso de Letras, também, proporcionam o contato com as escolas do ensino básico, mas as fases do estágio é que são realmente destinadas ao propósito da regência, quando o entrevistado diz que a elaboração das aulas proporciona a preparação para o mercado de trabalho, constatamos um lugar real e finalidades sendo atingidas, como mostra a normatização do estágio "Oportunizar experiência profissional e de trabalho

que possibilitem a integração dos conhecimentos teóricos e práticos, por meio de processo permanente de reflexão”.

No entanto é importante salientar, que o momento de preparação das aulas, deve ser um ato reflexivo e contínuo na vida do profissional, colocar esse momento desfragmentado das perspectivas educacionais atual, e equivaler a um momento solitário distinto da função da educação na contemporaneidade. Temos que cuidar para não cairmos num discurso ilusório, pedagógico “de que tudo está/ é bom”. Será mesmo que o momento de preparação das aulas prepara para o mercado de trabalho, sendo esse trabalho, um ato educativo, que implica numa construção de conhecimentos amplos, que colaborará na construção, formação do sujeito/aluno?

O estágio é o momento de experiências concretas. Quanto a isso, Calderano, (2012:249) ressalta que:

O estágio seja ele dedicado aos anos iniciais do Ensino Fundamental, à Alfabetização à educação infantil a, à educação de jovens e Adultos, ou à Gestão educacional em espaços escolares e não escolares consiste num período intenso de ação e reflexão pedagógicas, envolvendo os alunos estagiários, (...) e profissionais das escolas e/ou outras instituições educacionais que se dispõem a oferecer um ambiente propício a sua realização. Portanto, o estágio não consiste numa atividade a parte do curso, não se trata de um conteúdo residualmente “prático” do curso. (...) tampouco se resume às orientações do professor de estágio (...) o estágio não deveria ser visto como momento prático de aplicação da teoria estudado na universidade. Portanto ele também não constitui momento “teórico”, em sentido também restrito, no qual se busca a partir de uma rápida visão da prática escolar (...) não cabe, definir o estágio como momento conclusivo do curso nem mesmo o momento de síntese das observações feitas a partir da realidade escolar. Não se buscam extrações baseadas, até porque não cabe ao estagiário apresentar um parecer avaliativo dessa ou daquela escola, tal como registro de inspeção sem o compromisso anterior e contínuo de entendê-la por dentro interagir com ela nesse contexto real.

Quando a autora relata sobre a questão do estágio fica evidente a importância desse dispositivo na formação acadêmica, pois por meio dele que temos a possibilidade de conhecer um pouco da realidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, demonstramos a complexidade da disciplina do estágio curricular, tomando a aprendizagem por base para refletir sobre as questões voltadas para o papel do estagiário e da universidade na fomentação do ensino atual. Em nossas considerações, trouxemos apontamentos sobre o papel da universidade para a formação docente, também sobre a relevância do estágio como espaço de reflexão. Queremos, por fim, destacar que a concepção de língua desenvolvida durante o curso é fundamental para a formação do professor. Condicionadas a diferentes linhas teóricas sobre a linguagem, acreditamos que o estagiário adere a uma ou outra vertente dependendo do modo como o decorrer do curso influenciou em sua formação.

Dessa forma, a prática do estágio se configura como a conjugação de diversos fatores – intelectuais, formativos, ideológicos, afetivos – que dizem da complexidade do ser humano em formação. O estagiário, neste sentido, se aproxima do que se acredita ser o aluno: diante de um objeto novo, no esforço de compreendê-lo, ele segue o curso na expectativa de adquirir os saberes necessários para desenvolver seu trabalho futuramente. Neste ponto, o que Sonsin (2003) observou se torna relevante. A autora menciona as diferentes personalidades dos alunos. Para ela, há alunos que apenas estudam o suficiente para conseguir pontuação, os que estudam para atender às prerrogativas do professor, os que estudam para se capacitarem ao mercado de trabalho, os que estudam realmente para aprender, e outros muitos mais.

Em nossa concepção, o acadêmico sempre terá como motivação um alvo a ser alcançado. Durante nosso estágio nossos alvos eram conseguir desenvolver adequadamente as aulas para que nossos alunos pudessem ter proveito, tendo em vista a construção do conhecimento. Também, consistia na reflexão que propiciou a escrita do relatório de estágio e deste trabalho, no aprimoramento ou capacitação profissional, na avaliação que possibilita o prosseguimento no curso. O atendimento a esses alvos revela o caráter múltiplo de nossa identidade, talvez, ainda, a imprecisão de interesses que se torna inerente ao prelúdio. O que aqui pontuamos

surgiu da necessidade de refletir sobre nossa construção, nossa identidade vacilante na sala de aula. Somos alunos que se colocam à frente da sala de aula para ensinar. Estamos aprendendo a ensinar. E esta não é uma tarefa simples, como tentamos demonstrar nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, R. L. L. (org). **Formação de Educadores: Desafios e Perspectiva**. Ed. UNESP: São Paulo, 2003. Versão Digital. Disponível em: <<http://biblioteca.planejamento.gov.br/bibliotecatematica1/textos/educacaocultura/TEXTOTO%201%202013%20A%20Reforma%20do%20ensino%20medio%20%20uma%20critica%20em%20tres%20niveis.pdf>>. Acesso em 07, jul, 2012.

CALDERANO, Maria da Assunção. Org. **Estágio Curricular: Concepções, reflexões teórico-práticas e proposições** - Juiz de Fora: UFJF, 2012.

CHIMENTÃO, Lillian Kemmer. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral2.pdf>>. Acesso em 03, out., 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. – São Paulo, Cortez, 2006.

LAZZARI, Leite Barbosa. Raquel, **FORMAÇÃO DE EDUCADORES**, Desafios e perspectiva - UNESP, 2003.

SIMÕES, L. C. **Autenticidade e a Abordagem Comunicativa: Reflexões sobre a Sala de Aula de Língua Inglesa**. 2004. Dissertação. Orientação: Professora Doutora Telma Nunes Gimenez. Curso de Pós Graduação da Universidade Estadual de Londrina. Versão Digital. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vwhj0000758748390>. Acesso em 25, out, 2014.

SONSIN, S. T. **Aspectos da Socialização de Duas Professoras de Inglês em seu Primeiro Ano de Trabalho em Escola Pública**. 2003. Dissertação. Orientação: Versão Digital. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000098061>. Acesso em 07, jul, 2012.

Anexo 01

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Prezado (a) Diretor/Coordenador (a) sou estudante do 8º semestre de letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, e estou fazendo uma pesquisa. Necessito de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendo verificar ações e concepções do processo da relação estagiário – aluno. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

1- COMO A ESCOLA VISA O ESTAGIARIO?

É recebi bem, visando uma oportunidade até mesmo porque todo profissional já foi estagiário.

2- A ESCOLA PERCEBE QUE ELA É UM LABORATÓRIO PARA OS UNIVERSITÁRIOS? O QUE ELA PROPORCIONA A ELES?

Sim. Precisa desenvolver o seu estágio. Acredito que viva de experiência para o estagiário já que esse é o objetivo.

3- QUAL A RELAÇÃO DESSA ESCOLA COM A UNEMAT? EXISTE ALGUM RETORNO PARA ESCOLA?

Não, nunca houve esse elo de ligação nos deveria por que acaba sendo profissional na escola.

Anexo 02

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Prezados (a) Professores (a) sou estudante do 8º semestre de letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, e estou fazendo uma pesquisa. Necessito de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendo verificar ações e concepções do processo da relação estagiário - aluno. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

1- O QUE ACHAM DE CEDEREM SUAS AULAS PARA O ESTAGIO? GOSTAM DE RECEBER ESTAGIARIOS?

Não é legal, mas devido que os estudantes/estagiários precisam desse momento, então concordo, pois os estagiários de hoje serão os futuros professores. Particularmente não gosto de receber estagiários por alguns motivos: 1 - os alunos não os respeitam, 2 - na maioria das vezes o estagiário não se esforça nem c/c turma permitem que os alunos saiam da sala constantemente, 3 - nem sempre o professor(a) de estágio os acompanha em trabalho, pois se acompanharem, pense que ele poderia dar dicas para que na próxima aula ou prova próximo dia, os estagiários ficassem mais tranquilos. Enfim, apesar de tudo me sinto tranquilo. Enfim, apesar de tudo me sinto tranquilo. Também entendo que o estagiário precisa desse laboratório humano.

2- EM ALGUMA FASE DO ESTAGIO O ESTAGIÁRIO CONTRIBUI NA CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO DE AULA?

As vezes sim, e as vezes não. Sim pelo fato de trabalhar um conteúdo que já havia sido trabalhado e os estudantes ficarem com dúvidas de por que o estágio e o estudante aprende com ele, pois cada um tem uma forma de trabalhar e vice versa.

Anexo 03

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Prezado (a) aluno (a) sou estudante do 8º semestre de letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, e estou fazendo uma pesquisa. Necessito de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendo verificar ações e concepções do processo da relação estagiário – aluno. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

Idade: 14 Série: 9º ano A

1- Como você define um professor – estagiário na sala de aula? Por quê?

Eu acho que isso depende da pessoa que está está
trabalhando porque alguns explicam muito bem outros
foi mais tímidos mas eu considero um estagiário
um professor por que eles explicam bem, pra mim
é a mesma coisa apesar de que alguns alunos não
colaboram mas eu considero um estagiário um
professor igual como os outros.

2- No seu ponto de vista, O estagiário ^{rio} tinha experiência com o material do curso para a aula?

sim. A explicação foi excelente, teve um algumas
dificuldades mas foi por causa de alunos que não
colaboraram mas foi uma boa apresentação muito
bom a explicação com a da dize foi excelente e ela
trabalhou um com certeza a experiência com a maté-
ria do curso.

10

Anexo 04

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS.

Prezados (a) Professores (recém-formados) (a) sou estudante do 8º semestre de letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, e estou fazendo uma pesquisa. Necessito de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendo verificar ações e concepções do processo da relação estagiário - aluno. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

1- QUAL FOI A IMPORTANCIA DO ESTÁGIO PARA A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

Foi de muita importância, pois, é o primeiro contato com a sala de aula e com os alunos. A elaboração dos aulas e esse contato nos prepararam para o mercado de trabalho.

2- TEVE NO MOMENTO DA CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO A ORIENTAÇÃO NECESSÁRIA, TANTO DO PROFESSOR DO ESTÁGIO COMO DO PROFESSOR TITULAR?

Sim. Orientações pertinentes que possibilitaram a minha formação.

